



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10249 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A TEORIA POR UM FIO: UM ENCONTRO DE CABEÇAS, SABERES E EPISTEMES

Neli Gomes da Rocha - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Sara Wagner York / Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A TEORIA POR UM FIO:

UM ENCONTRO DE CABEÇAS, SABERES E EPISTEMES

RESUMO

Este texto marca um encontro de saberes e epistemologias que emerge das alianças entre travestis e pretas. Duas cabeleireiras, com filhos que se encontram na pedagogia transgressora de bell hooks e atravessadas pelas dinâmicas da estética. A conversa sobre "fazer a cabeça" como estética de existência e(m) processos de cura de Rocha, agudiza os cuidados com os cabelos crespos nos espaços dos salões étnicos (NILMA, 2005) que dialogam com a estética travesti (BENEVIDES, 2020) em uma perspectiva de compreensão de dois processos emancipatórios: o cabelo crespo como superação, aparato e/ou negação de si e a estética travesti ainda amparada por tecnologias de gêneros que a higienizam em assunção à cis-mulher nos vários espaços sociais. Para superar compreensões de exclusão sobre si, pensa-se aqui, o lançar mão da liberdade de renunciar algumas das tecnologias que oportunizaram a existência destes corpos numa leitura colonizada (a preta de cabelo liso, para inserção no mercado e a travesti, lida como cisgênero, para ainda acessar os espaços sociais) historicamente negados pela cisgeneridade. A performatividade (BUTLER, 2012) cis-hetero-branco-normalizadora que prima por uma estética e assim no salão de beleza, observamos um jogo cênico entre os vários atores que lá estão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação E Estética; Cabelo Crespo; Trans-epistemologias; Processos Emancipatórios; Performatividade.

O ato de embelezar-se é tão antigo, quanto recorrente nas mais remotas civilizações. Observar os discursos sobre o corpo é temática clássica enquanto superfície de inscrição dos acontecimentos como aponta Foucault (1984) ao considerá-lo como espaço que expressa linguagens culturais múltiplas (tatuagens, escarificações, cicatrizes) nas palavras de Foucault (1984) “lugar de dissociação do Eu, volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (Foucault, 1984, p. 22). A linguagem do corpo salta os olhos, seja sob a ótica Racial, quanto na perspectiva Trans, sem perder de vista o gradiente da experiência estética por meio da base prática profissional de duas fazedoras de cabeça, uma na perspectiva da arteterapia capilar dos crespos in natura (trançados e dreads) e outra, na experiência de cabeleireira e peruqueira em contextos britânicos e europeus. Um encontro de brasilidade na Europa, África e América Latina, que se encontram para tecer reflexões pertinentes quanto ao autocuidado e a construção de si a partir desta espacialidade o salão de beleza, enquanto lócus de convivência entre diferentes grupos sociais (classe, raça, faixa etária, gênero) visando cuidados com o corpo e cabelos. A proposta dessa pesquisa em curso, é destinar ressonância ao desejo revolucionário de suplantando valores eurocêntricos de embelezamento capilar, cuidados do corpo trans e identidade travesti como resgate substancial - visando a valorização da sensação de pertencimento de grupo étnico negro e nos corpos travestis, como prática descolonizadora dos modos de viver e trazer ao debate acadêmico práticas que suplantem a lógica cisgênera e falo-patriarcal no reconhecimento dos traços físicos historicamente deturpados por ideias padronizadas de embelezamento. Compreende-se a cisgeneridade como regime de governabilidade (FOUCAULT, 1984, POCAHY, 2018) imposta aos corpos de modo a gerar sempre a compreensão de si sob ótica genitalizada ou genitalizante. Como metodologia, lançamos mão dos modos de fazer (CERTEAU, 1994) e da memória viva (HAMPATÉ BÂ, 1982) enquanto ofícios artesanais tradicionais repletos de histórias de vida, por nos possibilitar o encontro com nossos saberes e as formas de vivenciarmos as singularidades e processos de subjetivação. Na concepção de Hampaté Bâ (1982) “os ofícios artesanais tradicionais são grandes vetores da tradição oral. Na sociedade tradicional africana, as atividades humanas possuíam frequentemente um carácter sagrado ou oculto, principalmente as atividades que consistiam em agir sobre a matéria e transformá-la, uma vez que tudo é considerado vivo” (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 189)

A proposta é aprimorar formas de produção de arquivo e memória a partir das experiências vivenciadas no espaço do salão de beleza enquanto espaço de sociabilidade, atentando para as lacunas de pesquisas que abordem vivências de autorrealização (hooks, 2015) entre o grupo de mulheres negras, jovens e adultas na busca por substituir práticas de embelezamento capilar com uso de produtos químicos, sob a ótica do processo de embranquecimento (BENTO[1], 2002), por alternativas de cuidados que permitam reconhecer o legado vivo dos saberes das ancestrais dos penteados de origem africana e replicados no mundo diaspórico à fora. De forma espelhada, expor as muitas experimentações estéticas com mulheres de classe média que acionavam as técnicas de corte capilar na cidade de Londres entre 2008 e 2012, para uso de peruca como aspecto facilitador da manutenção estética padronizada.

Um ponto importante é o uso de artefatos de beleza aliados com aos novos avanços tecnológicos é um ponto de confluência _ tesouras, pentes de ferro e secador _ aliados aos produtos de manipulação dos fios tem ampla incorporação no cotidiano

de mulheres, especialmente aquelas inseridas no mercado profissional. Trabalhos técnicos e de rápida inserção no mercado, atenderiam melhor o grupo que não teria tempo para sobreviver e se qualificar – travestis, pretas, mães etc. Nesse sentido hooks (2015) nos aponta que “fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres [...] podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa”. Assim outros espaços vão sendo ocupados e ressignificados, antes, “era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo” (hooks, 2005, p. 1). A construção de uma relação dúbia entre a prestação de serviço e confiança aguçada, a partir das inquietações sobre a dimensão da intimidade passam a compor as conversas envolvendo temáticas consideradas como tabu, a exemplo da sexualidade, relações afetivas, situações de saúde ou financeira. A experiência da interação direta estabelecida, a intencionalidade abarca a tensão entre confiar ou não, credibilizada na performatividade que insere níveis subjetivos de certeza, de alteridade, de (auto)confiança e nem sempre gerado por técnicas do trabalho capilar per se, e sim das relações interpessoais construídas por estes agentes sociais. A sociabilidade do salão de beleza infere ao profissional a categoria de confidente e orientação que tendem a caminhar em paralelo ao atendimento capilar. Abrindo espaço para perguntar o imperguntável? Nessa chave, Hooks (2015) ao rememorar sua infância nos remete a rito de beleza executado pela via materna que ao arrumar os crespos das filhas produz lembranças que reavivam a sensação de acalanto diante da partilha comum de utensílios de embelezamento com o uso do calor a exemplo do tão disseminado pente quente[2], voltando para a mudança na textura dos fios crespos e alisando os seus fios construindo assim uma narrativa de convivência com os cuidados com os crespos na ambiência familiar, momentos registrado na memória que transitam entre a tensão diante da dor e da beleza dos fios. A prática que por muito tempo foi dada como atribuição à figura materna (avó, mãe, tia, irmã) e gradualmente se altera com a vida moderna, situação que impulsiona a criação de espaços destinados a tal propósito, os salões de beleza, destinando maior status profissional para que domina aquela técnica, gerando renda para diferentes grupos sociais.

Os rituais de embelezamento capilar atribuíram à função da cabeleireira o papel de mediação entre o estágio de insatisfação com a atual aparência e o renovar das expectativas sobre si frente ao espelho. Nos cabe a reflexão sobre a linguagem corporal através da gestualidade por configurar parte fundamental da interação construída na ambiência do salão de beleza, uma vez que a linguagem corporal a ação pela gestualidade expressa opinião, ainda que não intencionada, e delimita as condições da interação interpessoal. O corpo comunica de modo singular e contribui para o conjunto avaliativo, respondendo com atitudes de acolhimento ou de repulsa. Nesse sentido, o corpo é ainda visto como espaço performático, como aponta Butler (2001) ao dizer que “o gênero é performativo, um modo de subjetivação dos sujeitos, é sempre uma dinâmica, uma ação e nunca uma verdade totalizante beleza corporal - A beleza aqui é compreendida como construção cultural” (BUTLER, 2001, p. 87). O corpo trans/travesti que causa estranhamento interpela a imagem social padronizada e reafirmada pela cisgeneridade, da mesma forma que o cabelo crespo interdita o natural imposto a tantas de nós. Faz-se saber que os números de mortes travestis por crimes de ódio em 2020 é de 175 casos e assumido as subnotificações ou não registros por falta de informação quando as identidades expostas (ANTRA, 2021). Ao falarmos em repulsa, é preciso mencionar que ao todo são 97% dos crimes direcionados aos corpos de mulheres trans ou travestis pretas ou pardas. O dado por si, nos mostra contra quem a situação de ódio ainda ocorre e se faz agenciada

nos meandros sociais e estéticos quando a aparência do 'outro' agride aos olhos.

Outrossim, perceber a feição, de um dito feminino, de modo interseccional Crenshaw (1990), destinando a esta maior autonomia, autoconfiança e amor próprio ao entendermos a categoria feminismo como forma de observação do meio social em constante dinâmica, aos moldes do que Adichie (2013) identifica como “ecossistemas do feminino” ao se referir para o prisma de ações que podem ser identificadas como feminismo, ultrapassando o espaço puramente acadêmico e estendendo para as ações cotidianas de superação das assimetrias sociais. Ainda em Adichie (2013) quando escreve “Pegar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzi-los a um só aspecto” assim, percebemos que a história de muitas mulheres não são ou não foram contadas. O pensamento de Adichie advoga pela não legitimação da história única como viés exclusivo ou inclusivo de um grupo ou categoria e aqui podemos mencionar as jovens mulheres assassinadas, a mais jovem com 13 anos em 2019 e 15 anos em 2020, por se denominarem travestis (ANTRA, 2020). Essa denominação não nasce do nada, mas de aspectos amparados pelas tecnologias de gênero em vieses binários – rosa para meninas e azul para meninos, barba para homens e axilas lisa e sem pelos para mulher – padrões inalcançáveis e naturalizados pela cultura.

(In)Conclusões finais

Por enquanto, damos continuidade a nossa reflexão ressaltando o papel relevante, e ainda pouco explorado, dos espaços de embelezamento na aproximação com o campo de pesquisa por configurar um *lócus* de convivência não apenas voltada para a mudança externa em si, mas por envolver um prisma de relações que envolvem o campo educacional formal e não formal e que diretamente tem interferência em muitas vidas no interior do meio educacional institucionalizado. Sua faceta transgressora está na experiência direta e o gradiente de mudança comportamental ao longo dos encontros, na tênue relação entre: a dimensão monetária, econômica e sempre alicerçada por, todavia inserindo a perspectiva das diversidades a partir do corpo que expressa visões de mundo e identidades na construção de si.

Referências:

ADICHIE, C.N.. **The danger of a single story**. 2009.

BENTO, M. A. S.. **Cidadania em Preto e Branco: discutindo as relações raciais**, editora Ática, São Paulo, 1998.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. (orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis em transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2020.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

CERTEAU, De. Michel. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 14-29, 1994.

CRENSHAW, K. **Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color.** *Stan. L. Rev.* 43, 1990.

CIPOLLA. M.B. **Alisando o nosso cabelo. Revista Gazeta de Cuba**– Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005 Disponível em: . Acesso em: 04 mai. 2021.

CONCEIÇÃO, E. **Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita.** <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso: 03/04/2021.

GOFFMAN, E. **A apresentação do eu na vida cotidiana.** Nova York, Anchor Books, 2011.

GOMES, NILMA LINO. **Sem perder a raiz** – Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. São Paulo: Autêntica, 2007.

HALL S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 10 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMPATÊ BÁ. **A tradição viva. In: História geral da África: Metodologia e Pré História da África.** v. I. J. KiZerbo, (Coord), Ática, São Paulo, 1982.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes(2013).

_____ **Alisando o nosso cabelo.** Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005 Disponível em: . Acesso em: 04 mai. 2015

POCAHY, Fernando. **O clamor da diferença letal: educar em estado de exceção** Revista Nanduty 6.8 (2018): 9-22.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

[1] BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002,

[2] Madame C.J. Walker inventou o pente quente nos EUA no início do século XX. Fonte: DUE, Tananarive. *The Black Rose: The Dramatic Story of Madam C. J. Walker, America's First Black Female Millionaire*, New York, The Random House Publishing Group, 2000.